

PRINCÍPIOS E HABILIDADES NA INTERAÇÃO
MÃE-FILHO NO MEIO RURAL;
ALGUMAS SITUAÇÕES ESPECÍFICAS*

JURACY C. MARQUES
VILMA L. TIJIBOY
*Faculdade de Educação, UFRGS
Cursos de Pós-Graduação*

RESUMO

Estudo, com apoio nas teorias de controle social de Bernstein, de cinco situações específicas - briga, perda de propriedade, não cumprimento de tarefas, recebimento de troco errado, falta à escola - em relação às quais as mães do meio rural descrevem seus modos de lidar com seus filhos. Dá-se inferência modalidades de controle social mais imperativos ou pessoais, conforme as mães se utilizem predominantemente de habilidades ou princípios na interação mãe-filho. Trabalha-se com duas sub-amostras: mães chefes e mães não-chefes de família. Os resultados indicam a predominância do emprego de princípios em relação a habilidades pelas mães do meio rural, independentemente que sejam ou não chefes de família, em algumas das situações conflitivas dentre as que são estudadas.

1 INTRODUÇÃO

Na interação mãe-filho há, entre outras facetas, a "transmissão" de princípios e habilidades que são assimilados pelo indivíduo, como aprendizagens que se incorporam à sua bagagem de competências e se transformam em modos de conduta e atitudes mais ou menos permanentes.

Por princípios entende-se a ênfase do diálogo nas relações, de modo que o "sistema de papéis está continuamente em processo de acomodação e assimilação

Com nossos agradecimentos, pelas importantes críticas e sugestões, aos professores-pesquisadores dos Cursos de Pós-Graduação em Educação, UFRGS: Aroldo Rodrigues, Paulo Schütz, Juan Antonio Tijiboy e Arabela C. Oliven.

das diferentes intenções das pessoas envolvidas; as crianças socializam os pais tanto quanto estes a elas; os pais são sensíveis às características únicas, singulares de cada criança; a criança aprende a inventar os seus papéis em vez de serem estes impostos a ela" (Cook-Gumperz, 1973, p. 14). Corresponde à forma pessoal de controle, como ela é definida por Bernstein (1972) e tem sido trabalhada em várias pesquisas (Cook-Gumperz, 1973; Brandis & Henderson, 1970; Bernstein & Young, 1967).

Já habilidades inclui tanto o modo de controle imperativo, como o de orientação posicional. Por controle imperativo quer-se significar a situação em que a "simples obrigatoriedade é mais relevante do que a transmissão de princípios; tem-se uma relação de papéis em que a amplitude de decisão é mínima; realiza-se através de código restrito na qual a compreensão simplesmente de hierarquia substitui a compreensão de princípios" (Cook-Gumperz, 1973, p. 50). Orientação posicional, como modalidade de controle, se refere a "comunicação de sistemas fechados de papéis, idade, sexo e relações de idade e sexo se constituem em parâmetros para os papéis; os papéis são definidos em termos de sua "posição" social aprovada, não levando em conta as qualidades pessoais" (Cook-Gumperz, 1973, p. 14).

A interação mãe-filho em seus aspectos de socialização pode ser tomada tanto no sentido de "transmissão da cultura" quanto do processo pelo qual os indivíduos se tornam humanos, isto é adquirem os atributos de ser homem (ou mulher), na convivência com os outros (Wrong, 1961).

É interessante notar que, através desse processo de socialização, a sociedade não se torna algo imposto de fora, mas algo que é, ao mesmo tempo, produzido e conquistado pelo homem, como ser individual (Garfinkel, 1967). Os padrões de conduta, seja ao nível das estruturas sociais ou na dimensão do comportamento de cada um, vão sendo incorporados com apoio em duas características humanas que não são compartilhadas pelo mundo das substâncias inanimadas: a) a capacidade de responder a estímulos, o fato de não ser passivo, de não sofrer uma ação sem apresentar uma reação; b) a faculdade de agir de acordo com seus propósitos, selecionando aquelas estimulações que são particularmente significativas aos seus modos de ser e comportar-se (Marques, 1979, p. 40 - 1). O que ocorre é que as cognições influenciam o comportamento que por sua vez influencia o ambiente e este torna a influenciar o comportamento. Isto não representa uma circularidade tautológica, mas um recíproco determinismo interacional (Mahoney, 1977).

Vários são os caminhos, portanto, na literatura, para demonstrar que a sociedade, ou os padrões de conduta social, são simultaneamente produzidos e conquistados pelo homem e não simplesmente uma força que lhe é estranha e impingida desde o exterior. É na interação que esses mecanismos de interinfluência têm lugar. Dentre as múltiplas formas de interação da convivência humana, a interação mãe-filho ocupa um lugar especial, principalmente por suas conseqüências na direção do vir a ser humano, em outras palavras desde a ótica da psicologia do desenvolvimento, em seus aspectos de socialização.

Nos estudos relativos à mulher como mãe (Kaley, 1971; Hoffman, 1973) destacam-se, de imediato, os problemas relativos à conciliação do duplo papel da mãe como dona-de-casa e como profissional ou participante da força de trabalho. No último caso, na maioria das vezes, ela desenvolve o que se convencionou chamar de "dupla jornada", acumulando as funções de dona-de-casa e de trabalhadora que contribui, como o homem, para o sustento da família. Como se comportaria este fenômeno, com mulheres, que além desses, acumulam os papéis do homem no seio da família, em face de este não estar presente?

Esta foi a interrogação que nos fizemos, ao nos deparar com uma sub-amostra de mães chefes de família, nos estudos sobre "alternativas educacionais para o meio rural (Schütz & Tijiboy, 1978). A interação mãe-filho sofreria alterações? Em que aspectos se distinguiria daquelas interações que ocorrem quando o pai está presente? Como lidariam essas mães com seus filhos em situações conflitivas? Tenderiam a se utilizar mais de uma modalidade de controle imperativo (habilidades), ou mesmo assim, tenderiam maiormente a exercer um controle baseado em princípios, com uma orientação mais voltada para a pessoa?

As situações específicas selecionadas foram: a) brigas; b) outra criança tira algum objeto; c) não cumprimento de tarefas; d) recebimento de troco errado; e) falta à escola por ir brincar com colegas.

Tendo em vista o quadro de referência teórico e as situações específicas selecionadas, formularam-se as seguintes hipóteses:

a) As mães, sejam ou não chefes de família, utilizam-se mais de princípios do que de habilidades, como modalidade de controle de comportamento de seus filhos visando à socialização;

b) As mães chefes de família utilizam-se com maior frequência da modalidade de controle habilidades do que da de princípios, quando comparadas às mães de famílias completas (não-chefes de família).

Por mães chefes de família entendem-se aquelas que assumem sozinhas as responsabilidades de família e mormente da criação dos filhos por serem separadas, viúvas, desquitadas ou divorciadas.

Mães não-chefes de família ou mães de famílias completas correspondem aquelas em que existe a presença do esposo e pai, assumindo, elas, então, os papéis que tradicionalmente lhes cabem como donas-de-casa, independentemente que exerçam ou não atividades de trabalho fora do lar.

2 METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa inspirou-se naquela utilizada por Bernstein & Henderson (1973) para o estudo de controle social em diferentes classes sociais, com ênfase na linguagem como um dos aspectos relevantes da socialização. Eles trabalharam com amostras de crianças de nível pré-escolar, colocando as mães em situações específicas e solicitando-as a classificá-las como difíceis, muito difíceis,

fáceis ou muito fáceis. As situações específicas eram previamente categorizadas como afirmações que se dirigiam à pessoa (princípios) ou como referentes a habilidades. Exemplo de afirmação categorizada como dirigida à pessoa (princípios): "ajudar a criança a fazer as coisas por si mesma". Exemplo de afirmação categorizada como habilidade: "ensinar à criança tarefas diárias como vestir e usar o garfo e a faca" (Bernstein & Henderson, 1973, p. 20).

Assim, montou-se um questionário no qual, além dos dados de identificação, como idade, estado civil, religião e nível de escolaridade do respondente (mãe), incluíram-se situações específicas para que elas as classificassem como: difícil, pouco difícil, fácil, muito fácil.

A fim de tornar mais claros os conteúdos do questionário, passaremos a explicitar cada uma das situações:

Situação 1 — Briga - Gosta que seu filho brigue? Gosta que saia ganhando ou perdendo? Aconselhar que não brigue seria: difícil, pouco difícil, fácil, muito fácil. Mandar que revide (dar de volta os desaforos) seria (as mesmas quatro classificações anteriores). O que faz de fato quando ele briga? o que acha que deveria fazer?

O "aconselhar que não brigue" está previamente categorizado como princípios e o "mandar que revide" como habilidades. No primeiro caso tem-se uma orientação para a pessoa e no segundo, uma modalidade imperativa de controle social, por nós classificada como ensino de habilidades para lidar com situações de conflito inter-pessoal.

Situação 2 — Outra criança tira algum objeto - "Quando outra criança tira de seu filho (a) algum objeto que lhe pertence (brinquedo ou outra coisa)". Explicar que deve recuperar o que é seu, seria: difícil, pouco difícil, fácil, muito fácil. Obrigar que recupere sua propriedade, mediante a força, seria (idem quanto aos níveis de dificuldade). O que faz de fato? O que acha que deveria fazer?

O "explicar que deve recuperar" é classificado como controle por princípios, enquanto que o "obrigar que recupere" é um claro modo imperativo de controle que supõe uma imposição e uma obediência cega. Neste último caso espera-se que a intenção da mãe é o ensino-aprendizagem de habilidades para lidar com situações que se revestem de conflitos no relacionamento humano.

Situação 3 — Não cumprimento de tarefas - por exemplo regar as plantas. Conversar com ele (a) seria: difícil, pouco difícil, fácil, muito fácil. Exigir que cumpra a tarefa seria (os mesmos quatro níveis de dificuldade anteriores). Fazer você mesmo a tarefa seria (idem quanto aos quatro níveis de dificuldade). O que você faz de fato? O que acha que deveria fazer?

"Conversar com ele" tem uma direção de princípios, pois é nitidamente endereçado ao desenvolvimento de idéias e percepções quanto aos prós e contras em termos de conseqüências. "Exigir que cumpra a tarefa" revela claramente um modo imperativo de controle, onde não é levado em consideração o poder de decisão ou a autonomia da pessoa. Por isso é categorizado como habilidades, pois se esgota no puro fazer.

"Fazer você mesmo a tarefa" é aqui colocada como uma pergunta inócu (um distrator), pois nos informa algo sobre o que não estamos pesquisando, no momento, que é o nível de indulgência da mãe em relação ao seu filho, assumindo por ele as tarefas que pensa que poderia desempenhar por si mesmo.

Situação 4 — Recebimento de troco errado - Quando seu filho (a) vai à loja para comprar uma mercadoria e recebe o troco errado. Convencê-lo que vá reclamar o troco correto seria: difícil, pouco difícil, fácil, muito fácil. Mandá-lo imediatamente reclamar o troco seria (idem quanto aos níveis de dificuldade). O que você faz de fato? O que acha que deveria fazer?

O "convencê-lo que vá reclamar o troco" implica em diálogo, persuasão, argumentação e, por isso, está na linha da modalidade de controle por princípios, isto é, internalização de modos pessoais de procedimento. Já o "mandá-lo imediatamente reclamar o troco" configura-se como um modo imperativo de controle, sem apelos afetivos ou cognitivos, obrigando o indivíduo a executar uma ação na qual ele tem de desempenhar-se com habilidade, a fim de obter algum sucesso, ainda que duvidoso.

Situação 5 — Faltar à escola por ir brincar com colegas - Se uma amiga lhe contar que seu filho (a) faltou à escola porque foi jogar com os colegas, conversar com ele, para que explique o que aconteceu, seria: difícil, pouco difícil, fácil, muito fácil. Obrigá-lo a que corte a amizade com os colegas que não foram também à escola, seria (idem quanto aos níveis de classificação). Ir à escola e perguntar à professora se ele ou ela faltou à aula, segundo lhe informaram, seria (idem quanto aos níveis de dificuldade). O que faz de fato? O que acha que deveria fazer?

Esta situação é bem mais complexa quanto às modalidades de controle social. "Conversa com ele para que explique" se revela a primeira chance, no questionário, em que se abre a possibilidade de aceitação de um sujeito ativo; é o filho que deve explicar, falar, argumentar e, à mãe, se propõe a situação de que ela aceite ser passiva, ouvir. A conversa, então se depreende, será apoiada no que ele disser, em sua responsabilidade, no grau de confiança que tal procedimento requer por parte da mãe em relação ao filho. Dirigindo-se à pessoa, tal resposta é categorizada como controle social na modalidade de princípios. O "obrigá-lo a que corte a amizade com os colegas", além de um modo imperativo, envolve também um sentido de punição, de castigo, por ter se envolvido em tal "complicação". É categorizada como habilidades, não só por ser imperativa, mas por provocar uma série encadeada de reações que requerem competências para lidar com situações ambíguas e difíceis. O "ir à escola perguntar à professora" é uma questão aqui colocada como "distrator", como controle do grau de confiança da mãe no filho, pois a elucidação do caso não é o que nos interessa, mas sim a atitude da mãe mais dirigida ao diálogo (orientação para a pessoa), como ensino de princípios de conduta ou a um modo mais imperativo de conduzir a conduta do filho, ensinando ou ensejando a oportunidade de que ele aprenda habilidades de convivência.

As perguntas "o que de fato faria" e "o que acha que deveria fazer" constituem-se em uma polarização do comportamento real e ideal, a distância que vai entre os valores declarados e os que de fato se impregnam na ação que é desenvolvida. Este tema de muita relevância e interesse, pelo menos teórico, não será examinado no presente trabalho, mas será objeto de um outro, uma vez que tem conteúdo bastante para ser tratado separadamente. Aqui, no entanto, essas respostas são por vezes utilizadas como controles, esclarecendo quanto ao nível de compreensão da mãe sobre cada uma das situações consideradas.

Após a definição e testagem do instrumento, foram treinados 14 auxiliares da pesquisa os mesmos que estavam procedendo à coleta de dados do projeto. "Alternativas educacionais para o meio rural" - Schütz e Tijboj, Convênio INEP/UFRGS N° 45178) que se encarregaram de entrevistar as mães do meio rural (chefes e não-chefes de família) dos alunos das escolas previamente selecionadas.

Proporcionou-se um conhecimento dos conteúdos do instrumento - questionário - e uma conscientização de que dados seriam os mais relevantes para o estudo. Deu-se uma noção geral sobre o quadro de referência teórico que embasa o instrumento.

Foram feitas entrevistas, dois a dois, para detectar pontos dúbios ou itens que poderiam ocasionar problemas de compreensão por parte das mães a serem entrevistadas. Alguns itens ou questões foram reformulados, no sentido de tornar a linguagem mais simples e sua compreensão mais fácil e acessível.

A coleta de dados foi desenvolvida nos meses de dezembro de 78 e janeiro de 79, com 32 mães chefes de família e 33 não-chefes ou de famílias completas, em diferentes municípios do Rio Grande do Sul, com características distintas quanto aos seus contextos sócio-culturais, em termos de "modus faciendi" na vida rural e seus estilos (TABELA I).

TABELA I - Amostras de mães chefes e não-chefes de família, sua distribuição por municípios e número de filhos estudados.

MUNICÍPIOS	Mães		Filhos estudados	
	Chefes	Não-chefes	M	F
1. Selbach	5	5	7	3
2. Alpestre	6	6	7	5
3. Alegrete	12	11	14	9
4. Vera Cruz	7	8	10	5
5. Veranópolis	2	3	2	3
Total	32	33	40	25

Partiu-se da sub-amostra mães chefes de família e selecionou-se aleatoriamente a sub-amostra de mães não-chefes de família (de famílias completas) procurando manter os mesmos números em cada um dos municípios considerados.

Os filhos estudados são aqueles cujos comportamentos serviu de foco para a entrevista, estando eles matriculados em escolas do meio rural.

Para a análise dos resultados optou-se pela utilização do χ^2 , para caracterizar as diferenças entre os grupos de chefes e não-chefes de família, tomando em consideração o fato de que nossas amostras são muito pequenas e não se busca relações de causa e efeito, mas a constatação de se existem ou não essas diferenças. Para a identificação do predomínio de uma modalidade de controle social sobre outra, princípios ou habilidades, selecionou-se o cálculo de Z das diferenças entre percentagens dentro de cada um dos grupos, conforme as várias situações específicas estudadas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O número de filhos (TABELA I) que foram estudados dá uma idéia da distribuição por sexo, havendo uma expressiva predominância de filhos do sexo masculino, o que é um dado importante, uma vez que é sabido por pesquisas anteriores que as interações das mães com os filhos são distintas, quanto às modalidades de controle social, quando comparadas às interações com as filhas (Brandis & Henderson, 1970; Hawkins, 1970).

Pode acontecer que os resultados globais venham a ser influenciados por esta característica das sub-amostras. Os controles com as meninas são mais imperativos ou posicionais, no presente trabalho aqueles que se referem a habilidades. "Independente da classe social, os meninos são mais detentores de um controle mais pessoal" (Cook-Gumperz, 1973, p. 123). O controle mais pessoal diz respeito ao emprego de princípios na interação mãe-filho, seja pela intermediação verbal - conversa, diálogo, explicação - ou por corresponder, preferentemente, a atributos específicos da criança, sem fazer apelos a afirmação de valor generalístico ou universal.

Situação 1 — Resolver conflitos de briga

Esta situação provoca reações um tanto defensivas por parte das mães, pois elas preferem que o conflito não aconteça, estando dispostas a tudo fazer para minimizar suas conseqüências no caso de que seja inevitável. Há mesmo aquelas que preferem que seu filho saia perdendo, na esperança de que deste modo ele tenderá a não repetir seu envolvimento em tais episódios.

Tanto as mães-chefes como as não-chefes de família apresentam percentagens mais altas na utilização de princípios (TABELA II) empregando minimamente habilidades ou seja modos imperativos de controle.

TABELA II - Habilidades e princípios na solução de problemas de briga

SITUAÇÃO	CHEFES		NÃO-CHEFES	
	Nº de pontos	%	Nº de pontos	%
Habilidades	42	34,4	32	24,8
Princípios	80	65,6	97	75,2
TOTAL	122	100,0	129	100,0

$$X^2 = 1,76 < X^2_{0,05} (1gl) = 3,84$$

Embora haja uma percentagem mais alta de mães chefes que utilizam habilidades e mães não-chefes que empregam princípios, a diferença entre os dois grupos não alcança significação estatística (TABELA II).

Testadas as diferenças entre as percentagens de utilização de habilidades e princípios dentro de cada grupo - chefes e não-chefes - (TABELA II) foram encontrados valores de Z iguais a -3,13 e -5,21 respectivamente, ambas significantes ao nível de $p < 0,001$. Isto quer dizer que nesta situação as mães, tanto chefes como não-chefes, utilizam-se com predominância significativa de princípios comparativamente e habilidades.

Como se sabe que os códigos linguísticos que são utilizados como mediadores nesta modalidade de controle - princípios, orientação para a pessoa - seja através de diálogo, explicação ou conversa, são de importância crítica na aquisição de controle social (Cook-Gumperz, 1973, p. 149), a predominância de princípios, revelada pelas respostas das mães, demonstra que elas estão empenhadas na "transmissão" de competências de interrelacionamento pessoal a seus filhos, de modo que melhor se capacitem ao lidar com sua realidade. Há pelo menos uma intenção de ensino, aproveitando as ocorrências como situações de aprendizagem.

Situação 2 — Recuperar sua propriedade

A recuperação da propriedade na situação específica enfocada em que a criança é "passada para trás" ou é despojada de seus pertences tem conotações implícitas de roubo. Provavelmente evoca nas mães situações inversas, quer dizer aquelas em que seus filhos "tiram coisas" dos outros e não as devolvem. É uma situação delicada do ponto de vista da educação dos filhos, uma vez que a preocupação é "formar" pessoas honestas, capazes de distinguir o que é seu, daquilo que pertence aos demais.

Aqui, nitidamente, os dois grupos, mães chefes e não-chefes de família, optam favoravelmente a aplicação de princípios, comparativamente a de habilidades, mas a diferença entre os dois grupos não é significativa (TABELA III).

TABELA III - Habilidades e princípios na recuperação da propriedade

SITUAÇÃO 2	CHEFES		NÃO-CHEFES	
	N.º de pontos	%	N.º de pontos	%
Habilidades	33	30,3	29	24,8
Princípios	76	69,7	88	75,2
TOTAL	109	100,0	117	100,0

$$\chi^2 = 0,80 < \chi^2_{0,05} (1gl) = 3,84$$

Testadas as diferenças entre as percentagens de utilização de habilidades e princípios dentro de cada grupo - chefes e não-chefes - foram encontrados valores de Z iguais a -3,99 e -5,21 respectivamente, ambos significantes ao nível de $p < 0,001$. Isto quer dizer que nesta situação como na anterior (Situação 1) as mães, tanto chefes como não chefes de família, utilizam-se mais frequentemente de princípios do que de habilidades ao lidar com seus filhos, sendo esta diferença estatisticamente significativa.

É interessante destacar a posição de Loevinger (1959), a propósito desses resultados. Ele diz que um padrão consistente na criação de filhos indica que a mãe tem uma teoria de aprendizagem implícita. Assim sendo, a mãe regula seu comportamento de acordo com pautas de ensino-aprendizagem que ela desenvolve na cotidiana interação com seu filho. Sua teoria é implícita porque se ela for solicitada a explicar os porquês de seu comportamento, não saberá explicitar os princípios de ensino-aprendizagem dos quais de fato se utiliza.

Há uma evidência clara da predominância de princípios, como forma de controle social dos filhos pelas mães do meio rural (TABELA III), independentemente que sejam ou não chefes de família. Daí que teorias implícitas de aprendizagem poderiam estar atuando como decorrência de valores típicos desse contexto cultural.

Situação 3 — Não cumprimento de tarefas

O assunto em foco é a dicotomia obediência-desobediência. Há todo um revestimento de tradições culturais no sentido de que bom filho é aquele que obedece aos pais. Todavia, este valor tem sido contestado, senão de todo abalado, por outros valores conflitantes, emergentes, como é a educação para a autonomia, independência, iniciativa e responsabilidade.

Isto se reflete claramente nos resultados, pois os percentuais ficam em torno dos 50% em quaisquer das comparações possíveis (TABELA IV): habilidades em princípios ou a utilização destes pelas mães chefes e não chefes de família.

TABELA IV - Habilidades e princípios no não cumprimento de tarefas

SITUAÇÃO 3	CHEFES		NÃO-CHEFES	
	Nº de pontos	%	Nº de pontos	%
Habilidades	59	51,8	61	50,0
Princípios	55	48,2	61	50,0
TOTAL	114	100,0	122	100,0

$$\chi^2 = 0,07 < \chi^2_{0,05} (1g) = 3,84$$

Testadas as diferenças entre as percentagens de utilização de habilidades e princípios dentro de cada grupo - chefes e não-chefes de família - foram encontrados valores de Z iguais a 0,43 e a 0,0, ambos não significantes. Nesta situação princípios e habilidades são, na prática, igualmente utilizados, tanto por chefes como não-chefes de família.

Este achado traduz valores em conflito, por um lado a obediência é ainda desejada e daí as habilidades ou modos imperativos de controle, e por outro, a análise de prós e contras em termos de conseqüências do comportamento (apelo cognitivo) e internalização de normas de auto-regulação - princípios - são igualmente desejáveis.

No fundo o que está em jogo é o problema da liberdade, do quanto de liberdade os pais estão dispostos a conceder a seus filhos. Ao mesmo tempo, o quanto de liberdade que os filhos vão conquistando em face da liberação de costumes, levando os pais a situações de conflito com os seus filhos. Isto cria muitas vezes profundos sentimentos de inadequação por parte dos pais quanto ao exercício dos papéis que lhes cabem como "responsáveis" pelos seus filhos. Estes sentimentos de inadequação parecem ser mais acentuados na faixa etária dos 14 aos 18 anos, pois quando os filhos atingem os 18 anos, como que por "passe de mágica", passam a ter todas as responsabilidades e de seu ponto de vista muitas e substanciais regalias.

Como se constata na TABELA IV, habilidades e princípios são quase que igualmente utilizados, não havendo diferenças significativas seja na comparação entre as duas sub-amostras, chefes e não-chefes de família, seja quanto à utilização dentro de cada um desses grupos de habilidades ou princípios.

Situação 4 — Recebimento de troco errado

No cerne desta questão está a aprendizagem do valor econômico, do significado do dinheiro como "objeto" que confere poder aquisitivo e tão logo é um valor decisivo para aumentar ou diminuir as possibilidades de "enriquecimento"

da personalidade. Tem um duplo significado, de expansão do próprio eu e conseqüente aumento de auto-estima e do sentido pragmático que é a atenção e o cuidado com o dinheiro, como "riqueza", conferindo ao indivíduo uma capacitação de zelo pelo que de direito lhe pertence.

Nesta situação específica, ainda que com diferenças pequenas, há uma predominância de habilidades (modos imperativos de controle) sobre princípios, tanto nas mães chefes como não-chefes de família, sendo que a diferença é um pouco maior para o grupo de mães chefes (TABELA V), talvez porque para estas o dinheiro tenha uma importância mais decisiva, em termos de sobrevivência. É como se as respondentes nos dissessem "com assuntos de dinheiro não se brinca".

TABELA V - Habilidades e princípios no recebimento de troco errado ao fazer compras

SITUAÇÃO 4	CHEFES		NÃO CHEFES	
	Nº de pontos	%	Nº de pontos	%
Habilidades	65	57,5	59	52,7
Princípios	48	42,5	53	47,3
TOTAL	113	100,0	112	100,0

$$X^2 = 0,66 \quad \left\langle X^2_{0,05} (1gl) = 3,84 \right.$$

Nesta situação, portanto, (Tabela 5), as habilidades são utilizadas com frequência um pouco maior pelas mães chefes e princípios pelas mães não chefes, não havendo, porém, diferença significativa entre os dois grupos estudados.

Testadas as diferenças de utilização de habilidades e princípios (TABELA V), dentro de cada grupo, chefes e não-chefes, foram encontrados valores de Z iguais a 1,58 e 0,63, ambos não significantes. Isto quer dizer que não há diferença significativa na utilização de princípios ou habilidades em ambos os grupos estudados.

Situação 5 — Falta à escola por ir brincar com os colegas

A maneira como é apresentada esta questão às mães encaminha para considerações subjacentes de como lidar com a mentira, ou seja suscita nas mães a desconfiança de que seu filho não está "falando a verdade". O mesmo pode ser dito em relação à inclusão da figura da amiga (ver na metodologia, a descrição desta situação como ela apareceu no questionário) que também pode não estar "falando a verdade". Além disso, entre as perguntas, o instrumento coloca a alternativa de

que a mãe vá à escola conversar com a professora para se certificar da verdade. Não obstante, a ênfase do dilema recai na criança e é a ela, em primeiro lugar, que a mãe tenta ouvir. No "conversar com ele/ela", a conversa está centralizada nela, pois a ela cabe explicar o que aconteceu. À mãe cabe ouvir e acreditar ou não.

O que se constata é uma leve tendência a privilegiar o uso de princípios (conversar com o filho) em relação a habilidades como modo imperativo de controle social (obrigar a que corte a amizade com os colegas) (TABELA VI), sendo esta diferença maior por parte das mães não-chefes de família.

TABELA VI - Habilidades e princípios na falta à escola por ir brincar com os colegas

SITUAÇÃO 5	CHEFES		NÃO-CHEFES	
	Nº de pontos	%	Nº de pontos	%
Habilidades	47	44,0	38	36,0
Princípios	61	56,0	69	64,0
TOTAL	108	100,0	107	100,0

$$\chi^2 = 1,25 \text{ } \chi^2_{0,05} (\text{gl}) = 3,84$$

Testadas as diferenças entre as percentagens da utilização de habilidades e princípios (TABELA VI), dentro de cada grupo - chefes e não-chefes de família - foram encontrados valores de Z iguais a 0,81 e 2,81 respectivamente, ambos não significantes. Isto quer dizer que nesta situação, habilidades e princípios são na prática igualmente utilizados.

O modo imperativo de controle social, cortar a amizade com os colegas, assume nesta configuração, características de castigo. Entretanto mesmo sendo imperativo (habilidades), se a imposição for mediada por argumentação de vantagens e desvantagens de continuar brincando com esses colegas "transgressores", é possível que o controle exercido se movimente para uma forma mais posicional. (Cook-Gumperz, 1973, p. 109). Neste aspecto seriam enfatizados aspectos de idade, incluindo apelos como a responsabilidade das crianças de comparecer à escola para estudar e vir a ser "alguém na vida".

Esta movimentação de controles mais rígidos para formas mais flexíveis de controle se faz num gradiente de possibilidades. A predominância de modalidade de controle que se destaca é que determina a categoria a ser considerada, pois todas as mães se utilizam de todas as formas de controle em maior ou menor grau, ou de outro ângulo com mais ou menos freqüência. O que se observa é que

as mães mudam ou intercambiam modalidades de controle social conforme as situações denotam contextos que requerem mormente uma ou outra forma de controle: imperativo, posicional ou pessoal.

Resumindo os resultados encontrados nas cinco situações aqui estudadas, encontra-se que não há diferenças significativas entre mães chefes e não-chefes de família na utilização de princípios ou habilidades. Quanto ao emprêgo de princípios ou habilidades, a comparação dentro de cada grupo - mães chefes e mães não-chefes de família - demonstra que ambos os grupos utilizam-se predominantemente de princípios como tendência geral. A diferença na utilização de princípios em relação a habilidades, considerados ambos os grupos, é estatisticamente significativa para as situações 2 e 3, não alcançando, porém, significância estatística nas situações 3, 4 e 5.

Assim, em face dos resultados e retomando as hipóteses iniciais de trabalho, temos:

a) As mães, sejam ou não chefes de família, utilizam-se mais de princípios do que de habilidades como modalidade de controle do comportamento de seus filhos. A hipótese é confirmada para as situações de "conflito de briga" (Situação 1) e para aquela que diz respeito a "recuperar sua propriedade" (Situação 2). A hipótese, todavia, não é confirmada para aquelas que dizem respeito ao "não cumprimento de tarefas" (Situação 3), ao "recebimento do troco errado" (Situação 4) e "a falta à escola por ir brincar com os colegas" (Situação 5).

b) As mães chefes de família utilizam-se com mais freqüência de habilidades do que princípios quando comparadas às mães não-chefes de família. A hipótese não chega a ser confirmada, pois as diferenças são mínimas, embora haja uma tendência, ainda que leve, nessa direção. Em todas as tabelas as percentagens de utilização de habilidades pelas mães chefes de família é maior do que as alcançadas pelas mães não-chefes ou de famílias completas. Essas diferenças, no entanto, não chegam a ser estatisticamente significativas.

A falta de diferenças estatisticamente significativas entre mães chefes e não-chefes de família na utilização de habilidades e princípios talvez possa ser explicada pelo fato de que se definiu, como critério, apenas, a presença ou ausência do pai, para caracterizar a mãe como chefe de família. Não foram controladas outras variáveis como: a) o tipo de trabalho desenvolvido pelas mães chefes e não-chefes; b) a presença ou não de outra figura masculina (avô, tio, irmão mais velho, etc.) como substituta do pai; c) o nível sócio-econômico das diferentes famílias estudadas (se são proprietárias ou posseiras). Com isto é possível que as mães chefes não se distingam das mães não-chefes quanto às reais responsabilidades de família ou da criação de filhos, assumindo as mães, em ambos os casos, os papéis tradicionais da mulher. Contudo, é possível afirmar-se que não é a simples ausência do pai que modifica os padrões de comportamento da mãe, em suas interações com os filhos, visando ao controle social do comportamento de seus filhos em algumas situações específicas de interrelacionamento pessoal.

A diferença significativa entre o uso de habilidades e princípios em favor dos últimos em duas situações específicas - conflito de briga e recuperação da

propriedade - talvez se deva a que essas situações são mais definitivas e isentas de outras variáveis interferentes, enquanto que as que não lograram significância quanto à diferença são mais difusas, um tanto ambíguas, permitindo interpretações sobre as quais não se tem um claro conhecimento: "não cumprimento de tarefas", "recebimento de troco errado" e "falta à escola por ir brincar com os colegas". São, por assim dizer, situações mais complexas e como tal seu entendimento pode ser diversificado.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BERNSTEIN, Basil. *A sociolinguistic approach to socialization: with some reference to educability*. In: GUMPERZ, J. J. & HYMEL, D., ed. *Directions in sociolinguistics*. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1972.
2. BERNSTEIN, Basil & HENDERSON, Dorothy. *Social class differences in the relevance of language to socialization*. In: BERNSTEIN, Basil, ed. *Class, codes and control*. London, Routledge & Kegan Paul, 1973. v.2, p. 24-47.
3. BERNSTEIN, Basil & YOUNG, Douglas. *Social class differences in conceptions of the uses of toys*. *Sociology*, 1 (2): 2-5, 1967.
4. BRANDIS, Walter & HENDERSON, Dorothy. *Social class, language and communication*. London, Routledge & Kegan Paul, 1970.
5. COOK-GUMPERZ, Jenny. *Social control and socialization; a study of class differences in the language of maternal control*. London, Routledge & Kegan Paul, 1973.
6. GARFINKEL, H. *Studies in ethnomethodology*. Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1967.
7. HAWKINS, P. *Social class, the nominal group and reference*. *Language and Speech*, 12:196-206, 1970.
8. HOFFMAN, L. W. *The professional woman as mother*. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 208:211-7, 1973.
9. KALEY, M. M. *Attitudes toward the dual role of the married professional woman*. *American Psychologist*, 26:301-6, 1971.
10. LOEVINGER, J. *Patterns of parenthood and theories of learning*. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 59:148-50, 1959.
11. MAHONEY, M.J. *Reflections on the cognitive-learning trend in psychotherapy*. *American Psychologist*, 32:5-13, 1977.
12. MARQUES, Juracy C. *Compreensão do comportamento; ensaio de psicologia do desenvolvimento e de suas pautas para o ensino*. Porto Alegre, Globo, 1979.
13. SCHÜTZ, Paulo & TUJIBOY, Juan Antonio. *Alternativas educacionais para o meio rural - 2ª etapa*. Porto Alegre, UFRGS, *Cursos de Pós-Graduação em Educação*, 1978. Convênio INEP/UFRGS nº 45/78. Mimeogr.
14. WRONG, D. *The oversocialized concept of man in sociology*. *American Sociological Review*, 26:184-93, 1961.

ABSTRACT

This study follows an approach, having as theoretical frame of reference Bernstein's theory of social control. Five specific situations are studied - fighting, loss of propriety, not following orders, receiving the wrong change when buying, missing school. The rural mothers in their mode of dealing with their children reveal modalities of social control from imperative to personal, according to the uses of skills or principles employed in the relationship. Two sub-samples are analyzed, mothers as family chief - where there is the absence of the father figure and mothers whom belong to complete families. Results show that, for both sub-samples, principles are used more frequently than skills by the rural mothers, in some of the conflictive situations which are studied, independently of family types.

(Recebido para publicação em 13.12.79)